

## Educação socioambiental voltada à gestão das Terras indígenas de Rondônia

Maria Lucia Cereda Gomide

Maria Lucia Cereda Gomide  
Professora da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural Indígena. Pós-doutorado, no programa de Pós-graduação de Geografia Física da FFLCH/ Universidade de São Paulo (2009-2010). Líder do Grupo de Pesquisa Geografia socioambiental. Possui formação em ilustração científica botânica, tendo participado de várias exposições.

O projeto ora discutido denominado *Educação socioambiental voltado à gestão das Terras indígenas de Rondônia*, teve como objetivo principal sistematizar textos e desenhos feitos pelos alunos indígenas, a fim de elaborar materiais didáticos com enfoque socioambiental discutindo questões sobre manejo e gestão dos recursos naturais das terras indígenas. Este projeto vem de encontro com os anseios demonstrado pelos acadêmicos indígenas participantes do curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR Universidade federal de Rondônia e as necessidades das escolas indígenas na perspectiva da escola como afirmação cultural e melhoria das condições de vida destes povos. As atividades foram desenvolvidas por meio de oficinas participativas durante as etapas presenciais do curso. Como resultados mais relevantes foram as cartilhas e cartazes didáticos.

**Palavras-chave:** educação socioambiental; terras indígenas; gestão ambiental e territorial; materiais didáticos diferenciados.

Environmental Education geared toward the management of indigenous Lands of Rondônia

The project now discussed called environmental Education geared toward the management of indigenous lands in Rondônia, had as its main objective to organize texts and drawings made by indigenous students, in order to prepare teaching materials with environmental focus discussing issues about stewardship and management of the natural resources of indigenous lands.

## INTRODUÇÃO

O projeto ora discutido neste artigo, Educação socioambiental voltado à gestão das Terras indígenas de Rondônia vem de encontro com as demandas demonstradas pelos acadêmicos indígenas participantes do curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR Universidade federal de Rondônia assim como com as necessidades das escolas indígenas na perspectiva da escola como afirmação étnica cultural e melhoria das condições de vida destes povos.

O objetivo principal do projeto foi a elaboração de materiais didáticos com enfoque socioambiental discutindo questões sobre manejo e gestão dos recursos naturais das terras indígenas.

Devido aos inúmeros e graves problemas socioambientais que incidem nos povos indígenas e suas terras em Rondônia é de grande relevância que esta discussão seja uma prioridade na escola indígena, buscando caminhos para a sustentabilidade socioambiental e cultural destes povos.

## OBJETIVOS

O objetivo principal do projeto foi a elaboração de materiais didáticos interculturais e bilingues, com enfoque socioambiental discutindo questões sobre manejo e gestão dos recursos naturais das terras indígenas de Rondônia.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover discussões e propostas para a situação socioambiental vivida e para a afirmação da identidade cultural;
- Valorizar a língua indígena;
- Analisar e sistematizar materiais como textos, ilustrações e mapas desenvolvidos pelos acadêmicos indígenas nas etapas do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural e nas oficinas propostas;
- Registrar e valorizar os saberes indígenas;
- Proporcionar subsídios para a escola indígena diferenciada;
- Proporcionar intercâmbio de conhecimentos entre os acadêmicos indígenas e também entre estes e os não indígenas que estudam no campus da Universidade Federal de Rondônia/Ji-Paraná.

## METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido com métodos participativos por meio de oficinas com conteúdos interculturais oferecidas em etapas complementares das quais participaram os acadêmicos indígenas que também são professores das escolas em suas aldeias. Observa-se que estes acadêmicos são de diversos povos indígenas do estado de Rondônia. Os trabalhos realizados nas aulas presenciais no Departamento de Educação Intercultural foram sistematizados para a elaboração dos materiais

didáticos. Observa-se também que a “aprendizagem funda-se nas experiências vivenciadas pelos sujeitos em seu contexto sócio-histórico, sendo o etnoconhecimento o pressuposto desta concepção” (Spyer, 2008).

As oficinas foram realizadas na seguinte sequência:

### **OFICINA 1**

Local: Campus de Ji-Paraná

Participação: 25 participantes de diversos povos indígenas de Rondônia, que são acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Intercultural.

Apresentação da proposta e início da sistematização dos trabalhos, lembrando que durante as etapas do curso (2010, 2011, 2012) já foram discutidos e elaborados textos, mapeamentos e desenhos que serão agora analisados e, em alguns casos, traduzidos para a língua indígena. Discussão teórica em relação aos conceitos trabalhados.

### **OFICINA 2**

Local: Campus de Ji-Paraná

Participação: 25 participantes acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Intercultural.

Esta oficina terá como objetivo o desenvolvimento dos novos materiais para complementação dos analisados na primeira oficina. Prevê-se a conti-

nuidade das traduções e ilustrações, além dos mapeamentos que compõem o material.

### **OFICINA 3**

Local: Campus de Ji-Paraná

Participação: 25 participantes acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Intercultural.

Continuação das atividades descritas.

### **OFICINA 04**

Local: Campus de Ji-Paraná

Participação: 25 participantes acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Intercultural.

Avaliação do material produzido. Finalização do material produzido e encaminhamento para gráfica. Produção de uma coletânea de textos indígenas bilíngues.

Também será feita a avaliação por meio da apresentação do material nas comunidades pelos professores indígenas. Em todas as oficinas serão feitos registros fotográficos e relatórios de atividades, estes servirão para a avaliação do projeto como um todo.

O bolsista do projeto foi colaborador significativo para a organização das oficinas e dos materiais utilizados como textos e desenhos, que foram digitados e digitalizados.

## A PROPOSTA DO PROJETO

A proposta do projeto é uma resposta aos anseios da comunidade acadêmica por aprofundamento no desenvolvimento de ações que contribuam para a gestão ambiental das terras indígenas.

Os povos indígenas de Rondônia formam uma rica sociodiversidade, no entanto, vivem uma situação de expropriação de seus territórios. Apesar dos conflitos, é possível afirmar que as terras indígenas ainda mantêm os recursos naturais, contribuindo significativamente para a conservação da biodiversidade na Amazônia. Os recursos naturais de suas terras estão ameaçados pelas atividades econômicas no entorno das terras indígenas e geram intensos conflitos socioambientais. Para enfrentar a situação atual dos problemas socioambientais que incidem nas terras indígenas de Rondônia é de grande relevância que esta discussão seja uma prioridade na escola indígena, buscando caminhos para a sustentabilidade socioambiental e cultural dos povos indígenas.

Embora o ensino diferenciado para os povos indígenas seja assegurado pela Constituição Federal brasileira de 1988, ainda hoje existem dificuldades para o desenvolvimento da escola diferenciada. Como exemplo podem-se citar políticas públicas que não estão de acordo com o contexto indígena,

entre estas a utilização de materiais didáticos não específicos, distantes da realidade e dos valores dos povos indígenas.

Os conceitos de gestão ambiental e territorial também vêm sendo utilizados pelo governo federal, que, em 2012, instituiu a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas - PNGATI, por meio do decreto n. 7747, o qual tem como objetivo “garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das terras e territórios indígenas, assegurando a integridade do patrimônio indígena, a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural das atuais e futuras gerações dos povos indígenas, respeitando sua autonomia sociocultural, nos termos da legislação vigente.” E apresenta como ferramentas o etnomapeamento e o etnozoneamento, assim definidos:

**I** - Etnomapeamento: mapeamento participativo das áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, com base nos conhecimentos e saberes indígenas; e

**II** - Etnozoneamento: instrumento de planejamento participativo que visa à categorização de áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, desenvolvido a partir do etnomapeamento.”

Desta forma, de acordo com legislação vigente, há uma necessidade das comunidades indígenas entenderem e se apropriarem destas ferramentas para melhor gerir seus territórios. Para enfrentar a situação citada, é de grande importância que os professores indígenas sejam subsidiados teoricamente.

Neste sentido, o projeto veio ao encontro dos anseios e das necessidades das escolas indígenas, na perspectiva da escola como afirmação cultural e melhoria das condições de vida dos povos indígenas. As atividades do projeto visaram à educação socioambiental com enfoque no manejo e gestão dos recursos naturais das terras indígenas. Assim, a escola torna-se um instrumento de revalorização dos conhecimentos indígenas, reavivando seus valores. Com a elaboração e utilização dos materiais didáticos específicos interculturais para a escola indígena, entre os resultados positivos podem-se citar: a afirmação da identidade cultural, a valorização da língua indígena do povo indígena em geral, assim como um incentivo especial aos jovens e crianças.

Particularmente em relação ao registro em língua indígena, deve-se lembrar da importância desta como guardiã das tradições e conhecimentos.

O Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Intercultural tem entre seus objetivos específicos:

- Propiciar a formação de professores indígenas do estado de Rondônia tendo em vista as demandas de suas comunidades e a autonomia de seu povo; e
- Construir, em conjunto com os professores indígenas, ferramentas práticas para que estes possam ser agentes ativos na defesa dos seus direitos, no que se refere aos territórios, aos conhecimentos e às atividades sociais, políticas e culturais (Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, 2008).

Outros princípios da proposta estão relacionados aos demais fundamentos do Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Intercultural:

“A Autonomia, a Interculturalidade, a Sustentabilidade e a Diversidade, que tem a função integradora entre o universo de saberes que será desenvolvido ao longo do curso.” (op.cit. 2008). Esta discussão já vem sendo feita há algumas décadas pelos povos indígenas do Acre, em colaboração com os professores indígenas e agentes agroflorestais, entre suas propostas está a elaboração de materiais didáticos diferenciados. Nesse sentido, os trabalhos da Comissão pró-índio do Acre são uma referência para trabalhos da área em educação socioambiental como apontado por Monte (1996,2003), Gavazzi (1996,2002), Gavazzi & Spyer (1996).

Ainda salientamos que o projeto trabalhou com os conceitos de Autonomia e de Autoria de acordo com Monte (1996), desenvolvidos no projeto “uma experiência de autoria” e analisados no livro “Escolas da Floresta entre o passado oral e o presente letrado.” (1996). “Por meio destes materiais, o ensino/aprendizagem dos novos conhecimentos e o registro e o resgate da tradição ou dos saberes étnicos são realizados através da elaboração criadora e crítica em linguagens principalmente oral/escrita e pictográfica, como parte das atividades didáticas de diversas disciplinas.”

Observa-se, enfim, que em todas as etapas do projeto os acadêmicos indígenas conhecedores de suas culturas estarão presentes.

## RESULTADOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Partindo assim da elaboração e utilização dos materiais didáticos específicos interculturais para a escola indígena, entre os resultados positivos podem-se citar: as discussões e as propostas para a situação socioambiental vivida e a afirmação da identidade cultural e a valorização da língua indígena do povo indígena em geral, assim como um incentivo especial aos jovens e crianças. Particularmente em relação ao registro em língua indígena, deve-se lembrar da importância desta como guardiã das tradições e conhecimentos.

Apesar das dificuldades para a publicação dos materiais didáticos, foi possível desenvolver cartilhas e outros materiais didáticos:

- CADERNO DE PESQUISA  
Palmeiras e outras árvores da floresta
- EXPERIÊNCIAS DE ENSINO E PESQUISA  
EM CIÊNCIAS, MEIO AMBIENTE E  
ETNOMATEMÁTICA
- NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA  
INDÍGENA (povo Aikanã)
- NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA  
INDÍGENA (povo Wari)
- NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA  
INDÍGENA  
(povo Ikoleng)
- NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA  
INDÍGENA (Rio Branco e Rio Guaporé)
- NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA  
INDÍGENA (povo Karitiana)
- TERRA INDÍGENA, MANEJO, USO  
E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS  
NATURAIS
- SISTEMAS TRADICIONAIS DE  
AGRICULTURA DOS POVOS INDÍGENAS  
DE RONDÔNIA
- CADERNO DE RECEITAS E CADERNO  
DE PINTURA CORPORAL

Capa do caderno de pesquisa



Como exemplo, apresentam-se duas capas das cartilhas elaboradas. CADERNO DE PESQUISA, e, PALMEIRAS E OUTRAS ÁRVORES DA FLORESTA. Este caderno de pesquisa denominado "Palmeiras e outras arvores da floresta" traz os trabalhos realizados pelos alunos indígenas do Departamento em Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Este material é parte do projeto e o tema desenvolvido faz parte de estudos da biogeografia, em especial da fitogeografia que trata da distribuição espacial da vegetação e suas relações ecológicas com o meio ambiente. Também foram registrados os usos e costumes de cada povo indígena sobre estas plantas. Realizou-se

oficinas de desenhos e de tradução dos textos, sendo assim esta cartilha apresenta uma rica diversidade linguística, povos dos troncos linguísticos Tupi das famílias linguísticas Mondé, Ramarama, Tupari, Arikém, e da família Txapakura e língua isolada a Sabane. Os participantes da elaboração desta cartilha pertencem aos seguintes povos indígenas: Arara-Karo, Cinta Larga, Gavião-Ikoleng, Karitiana, Karipuna, Oro Nao, Paiter-Suruí, Sabanê, Tupari, Zoró.

Vejamos trechos desse trabalho:

O pé de açaí representa a vida para meu povo, para minha aldeia, para minha cultura. Porque antes do contato com o não indígena o meu povo usava muito açaí, para se alimentar no seu dia a dia. E usavam a paxiubá para o cercado de suas casas, as palhas para cobrir as casas e enfeite para a festa e suas raízes para remédio. E por isso o açaí é importante tanto para mim quanto para o meu povo e ainda vai servir para novas gerações no futuro. Açaí é planta que serve de alimento para os animais e peixes. E é bom demais para os seres vivos da terra.

**Edemilson Oro Nao**

Do pé de tucumã é usado somente a fruta para poder fazer o colar e pulseira. Geralmente as mulheres vão à procura dessa planta distante da aldeia. Quando elas vão buscar a fruta dessa planta levam o “xiri” para poder trazer uma grande quantidade da fruta, para elas poderem trabalhar por um bom tempo. Elas vão buscar a fruta quando já estão caídas no chão e bem secas porque fica melhor de trabalhar. A fruta verde não pegam para artesanato, a não ser para a criança comer a castanha.

**Anderson Sabane**

O tucumã é uma espécie de palmeira que existe e se adapta muito bem na região Norte, tanto é que em todos os cantos do Brasil a tucumã é matéria-prima muito útil para fabricação de artesanato. Como por exemplo: pulseira, colar, brinco, cinturão entre outras. Na comunidade indígena também se aproveita da fruta do tucumã e da palha para fabricação de colar e até mesmo de esteira e pião para criança brincar. O tucumã é espécie de planta que deve ser preservada porque

o mesmo é uma forma de economia para muitas pessoas que fabricam e vendem para obter renda.

**Geovane Tupari**

O babaçu fica na terra firme e serve para os homens construírem a casa. O homem tira olho do babaçu para fazer casa e também o paneiro e a esteira. Com a fruta do babaçu fazemos farinha. Primeiro descasca, depois pisa no pilão e depois passa na panela e leva para o fogo. Depois já está pronta a farinha de babaçu. A farinha é gostosa e faz a criança engordar.

**Roberval Oro Nao**

Eu desenhei o pé de babaçu, que serve para comer o palmito e também de seu broto serve para fazer paneiro, também fazemos um balaios descartável para carregar a caça. Nós fazemos um “makia” com broto e folha quando tem a pescaria tradicional. Nós construímos a casa com broto também. Assim tem várias utilidades.

**Edilson Waratan Zoró**

O buriti é uma palmeira muito alta. Ela dá uma fruta vermelha e a polpa é amarela, que serve para a gente comer. No mês de março e abril é a época do buriti amadurecer, aí começa a cair no chão. Os bichos que gostam de comer o buriti são: a paca, o tatu, a anta, eles ficam bem gordos. Às vezes os homens fazem espera para caçar os bichos no buritizal.

**Marli Arara**

O pé de mamão, ou mamuí, é uma árvore nativa que é encontrada na mata. A cor da fruta é vermelha e comprida. No mês de janeiro é época de mamão do mato. O povo Zoró consome muito essa fruta, é também uma fruta consumida pelos animais. Essa fruta podemos comer crua e assada é uma delícia, por isso o povo Zoró consome essa fruta.

**Arlindo Zoró**

Este é um pé de faveira, bem alto e dá a semente para reproduzir. A arara, o papagaio e a curica comem a semente de faveira para se alimentar. Os animais terrestres como o veado, o porquinho e a cutia se alimentam da semente da faveira. As folhas de faveira são pequenas e têm muitos galhos.

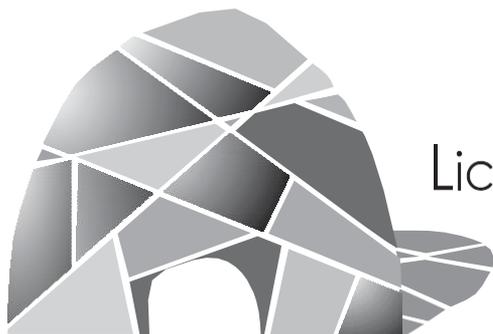
A faveira possui caule firme no alto também e madeira bem firme. Hoje utilizamos para fazer a tábua e esteio para construir casa de moradia.

**Marcelo Tasegnã Karitiana**

O pé de castanheira fica dentro da mata e é muito alto mais do que outras árvores. No mês de novembro a castanha começa a cair. Nesse tempo não é bom coletar castanha porque está caindo. Só depois de todos os ouriços caídos no chão. Nós, povo Zoró, vendemos a castanha em nossa associação. A castanha é nossa renda. Por isso nós, povo Zoró, não derrubamos a castanheira da nossa área. A castanha não é só nossa economia, o caroço é nosso alimento também. Comemos a castanha misturada com carne. A castanha serve para isso no povo Zoró.

**Fernando Zoró**

Desta forma, apresentam-se os saberes indígenas sobre as árvores da floresta, e sua importância em diversos aspectos culturais e ecológicos.



## Licenciatura em Educação Básica Intercultural

### NOSSO TERRITÓRIO E NOSSA TERRA INDÍGENA Povo WARI

Este livro registra os conhecimentos sobre questões territoriais e ambientais do povo Wari, representado pelos subgrupos Oro Nao, Oro Waram, Oro Eo, Oro At, Oro Mon, Oro Waram Xijem, e também os textos dos Oro Win, e outros povos como Cabixi e Kanoe, que vivem atualmente com os Wari. A maioria dos textos está em formato bilíngue português-txapakura. As reflexões indígenas são em torno do tema da demarcação das terras indígenas, a ocupação do entorno das mesmas. Neste trecho, Josue Oro Nao e Tiago Oro Nao explicam que:

O território é uma área que não tem limite, porque os antepassados não têm lugar fixo. Porque eles vivem da pesca, caça e outros alimentos. Naquele tempo na maloca preocupavam em alimentar a sua criança, jovens e mulheres. Eles não vivem o tempo todos em um lugar. Dependiam dos recursos da floresta que habitam, como muitas frutas, caças e pesca na cabeceira do igarapé. Esse é o território indígena, pois não existia demarcação. A terra indígena é muito importante para cada comunidade indígena do Brasil. Porque tem a sua demarcação e seus limites. Nem todas as terras indígenas foram demarcadas. Hoje as lideranças estão lutando para a demarcação de cada terra do povo indígena.

Eu fiz pesquisa com alguns mais velhos sobre o território. O território é o ambiente sagrado onde está toda a sua história. O espaço da arte, dança, caçada e cemitério, roçada e o nome das aldeias, Koyain, Makan, Paka, Otoko Me, taboca para flauta, espaço das frutas, animais, enfim, esse é o território indígena. Foi citado também pelos mais velhos que eles foram tirados do seu território por causa da epidemia da doença, como sarampo, gripe, catapora nos primeiros meses do contato. Por isso que estão fora do seu território tradicional. A terra indígena é área demarcada e ocupada pelos povos indígenas onde sobrevivem e tem seu limite.

**Ariram**

A terra indígena é uma parte do território indígena onde há limites e não tem lugar e espaço. O território é mais amplo do que a terra indígena. O território está na história e memória do povo indígena. Portanto, é lá no território que estão as riquezas, onde estão os antepassados que foram mortos e estão plantados e onde existem também a paisagem geográfica, o solo, a argila, frutas, portos, cemitério, remédio tradicional. E eles eram livres e onde havia muitos espaços para caçar, pescar e fazer roça e realizar os seus festejos.

**Edna, Wem Cacami  
Cao Orowaje**

Os cartazes para serem utilizados nas escolas indígenas foram feitos com desenhos e textos indígenas, nos quais estão suas reflexões sobre o que é plano de gestão das terras indígenas e o que e como são os manejos dos recursos naturais. A seguir os textos dos depoimentos dos alunos indígenas nos cartazes didáticos:

**CARTAZ 1  
Plano de Gestão**

O levantamento dos animais é muito importante em um plano de gestão da terra indígena, pois permite obter números, espécies, o local onde habita e todo o ciclo reprodutivo

desses animais. Assim, tendo esses dados evita a extinção de algumas espécies e da caça. Também a preservação dos seus habitats.

**Uraan Anderson Suruí**

Na Terra Indígena Zoró, deve ser feito um plano de gestão. Neste plano faremos um levantamento dos animais, porque alguns animais estão em extinção. Através de plano de gestão podemos preservar os animais e diminuir o consumo dos que estão em extinção.

**Arlindo Zoró**

O plano de gestão é um projeto que ajuda a dar sustentabilidade às nossas terras indígenas. Através de plano de gestão podemos preservar a natureza, cuidamos das matas, fazemos levantamento das frutas que estamos consumindo e que estão em extinção.

**Ademir Zoró**

Nosso povo depende de recursos da floresta para a sua sobrevivência. Por isso que devemos fazer o levantamento dos recursos florestais. Se nós não preservarmos recursos florestais, vão acabar. Por isso que temos que controlar a utilização de recursos naturais, assim deveremos deixar os animais reproduzir. Nós temos que garantir o futuro de nosso neto e da geração que virá.

**Edilson Waratan Zoró**

Nas terras indígenas é muito importante fazer levantamento dos recursos florestais, assim é possível visualizar quais os recursos ainda podem ser utilizados e quais os recursos estão em risco de extinção. Através disso podemos pensar no manejo de determinado recurso e assim terá os mesmos recursos naturais para as futuras gerações.

**Tiago Zoró**

Antigamente não tinha tanto lixo na aldeia, e nem muitas doenças, por isso é muito importante fazer esses trabalhos nas aldeias, conversar com as pessoas sobre o lixo que pode contaminar a saúde das pessoas e do meio ambiente no futuro.

**Marli Arara**

Nós pensamos nos nossos filhos, nossos netos, na geração que está por vir. Nós temos que melhorar nossa comunidade com liderança para fazer plano de gestão para cuidar de nossa terra, queremos preservar nossa floresta.

**Joacir Oro Nao**

Também devemos cuidar dos recursos hídricos, manter limpa as águas, nela há os peixes para nos alimentar, os jacarés e outros bichos, também bebemos a água.

**Marcelo Karitiana**

Na minha terra tem que se fazer um tratamento para lixo em um local que não afeta a aldeia e preservar a natureza para não poluir o rio, a floresta e também o pátio da aldeia que moramos.

**Edson Sabane**

Para estabelecer um plano de gestão, também precisaria da consulta do povo vivente daquela terra indígena para saber o que é ou não da necessidade do grupo.

**Geovane Tupari**

**CARTAZ 2**  
**Manejos dos**  
**recursos naturais**

O manejo tradicional dos recursos naturais dos povos Oro da região de Guajará-Mirim: quando os mais velhos caçavam, encontravam bichos como a cutia, o veado, a queixada e outros animais eles matavam, exceto os animais com filhote. Os mais velhos utilizam vários tipos de manejo como na pescaria, captura de animais e de aves. O tipo de manejo mais utilizado era de caça, de pescaria e a colheita

de frutas nativas. Antes do contato, os mais velhos tinham uma forma de usar frutíferas sem destruir o pé da fruta. Hoje, a maneira de usar essas plantas é totalmente diferente dos antepassados. Cabe aos professores indígenas, lideranças e caciques buscarem uma forma de como trabalhar esses recursos sem agredir aos recursos naturais existente nas terras indígenas.

**Arão Wao Hara Ororam Xijein**

Antigamente havia manejo tradicional para prevenir o afastamento da caça para bem longe, como hoje está acontecendo. Os mais velhos evitavam de matar filhotes de caça e tinham limites. Obedeciam aos pajés, não permaneciam no mesmo território para não haver espanto dos animais.

**Milton Oro Nao**

Desde muito tempo, antes do contato havia muito esses tipos de manejo, como o caso da forma de tirar castanha, patuá e outras frutas, sem derrubar os pés de fruteiras. A mesma forma com outros seres, como casos de animais, eles nunca vivem fixos num determinado lugar, porém as ideias eram para não espantar as caças e acabavam procurando outros lugares.

**Nelson Oro Waram**

No passado o povo indígena Wari não derrubava o pé de açaí, patuá e algumas frutas. Antes o povo Wari ensinava seus filhos cedo a subir o pé de uma árvore com frutas, ensinando seus filhos para não derrubar e nem cortar galho e saber cortar também. O milho, o povo Wari geralmente mantém costumes tradicionais como: selecionar semente boa para plantio, guardar semente para o próximo ano.

**Francisco Oro Waram**

Na minha observação sobre o manejo, voltado para antes de contato, eu acho que o povo tinha essa visão do manejo, eles não derrubavam os pés de frutas como: patuá, açaí e outros, eles sobem para tirar as frutas, mesmo também de fazer roça, não derrubavam dois e três hectares somente para comer, o mesmo acontece com a caça e os peixes, eles não matavam muitos. O pajé, chefe espiritual, orientava a população para não matar muitos animais. Se matar muito, o espírito dos animais pode fazer mal para essa família. Tinha essa regra, nessa maneira consideramos o plano de manejo tradicional.

**Mateus Oro Nao**

Os antepassados tinham um manejo dos recursos naturais muito diferente de hoje, eles evitavam as derrubadas de plantas nativas, não tinha invasores de pescadores, os índios pescavam só na flecha, tinha muita caça perto de casa. Os animais, os pássaros se alimentam das frutas nativas, se nós não cuidarmos das plantas nativas, os animais vão desaparecendo, e vão procurar onde tem a fruta para se alimentar.

**José Oro Mon**

As ilustrações foram feitas em oficina específica onde foram trabalhadas técnicas de desenho a lápis e aquarela. Os participantes são os seguintes alunos: Selma Oro Nao, Carmelita Oro Eo, Marcina Oro Nao, Valdeci Oro Nao, Salomão Oro Win, Abrão Oro Nao.

O livro “Experiências de Ensino e Pesquisa em Ciências, Meio Ambiente e Etnomatemática na Licenciatura Intercultural”, apresenta trabalhos de autoria de 104 alunos indígenas que participaram do curso do DEINTER- Departamento de Educação Intercultural.

Buscou-se nestes materiais organizar textos e desenhos dos alunos indígenas abrangendo todos os povos in-

dígenas que cursaram a Licenciatura Intercultural entre os anos de 2010 e 2014, sendo representantes das três turmas, e que representam os seguintes povos:

Arara – Karo, Aikanã, Arikapu, Cabi-xi, Cinta Larga, Djereomitxi, Gavião – Ikoleng, Kanoe, Karitiana, Karipuna, Makurap, Oro Win, Paiter-Surui, Sabane, Tupari, Wari, Zoró.

Enfim, um outro aspecto a ser mencionado está relacionado a iniciativas como deste projeto, que promovem e divulgam a cultura indígena e seus saberes para um público não indígena, contribuindo para o respeito entre os povos.

## Referências

Brasil. – **DECRETO Nº 7.747, DE 5 DE JUNHO DE 2012. PNGATI** – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas.

Gavazzi, R. & Spyer, M. **Atlas indígena do Acre**. CPI/ Ac. Comissão pro índio do Acre, 1999

Monte, N. **Escolas da Floresta entre o passado oral e o presente letrado**. 1996

UNIR. **Projeto político pedagógico do Curso licenciatura em educação básica intercultural**. 2008. <http://www.deinter.unir.br/?pag=downloads> acesso em 08\03\2013.

